

Culturas feministas: sobre juventude, arte e política¹

Renata Franco SAAVEDRA²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ (PPGCOM/UFRJ)

Resumo

Este trabalho busca traçar um breve panorama da produção cultural gerada por jovens feministas que se articulam nas metrópoles brasileiras, assim como destacar a diversidade de linguagens e estratégias comunicativas utilizadas politicamente por esses grupos que não dispõem de poder político formal. Defende-se que é preciso analisar os novos elementos que esses grupos artísticos trazem à comunicação urbana e ao movimento feminista.

Palavras-chave

coletivos artísticos; jovens feministas; produção cultural.

“Se prepara, mona, que a gente tá na pista! Demorô! E as novinhas estão mandando o papo, se vier pagar de macho: É racha macho!”³. As palavras cantadas pelas mulheres do grupo *Pagufunk*, da Baixada Fluminense, encontram eco na música feita pelas *Putinhas Aborteiras* em Porto Alegre: “Vem desconstruir o gênero junto com as Putinhas, vem conscientizar e libertar a bocetinha (...) E quando rola treta não vem homem se meter, as minas se organizam e conseguem resolver”⁴. Ideias semelhantes estão nos quadrinhos da *Garota Siririca*, nos lambe-lambes da *Rua Nua*, nos zines da *xereca*, nos festivais de rock do *Roque Pense*, nos grafites da *Rede Nami* e de várias outras grafiteiras.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ, email: refsaavedra@gmail.com

³ Disponível em <https://soundcloud.com/pagufunk>.

⁴ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=pEQruB_eGcE. Acesso em 20 de junho de 2014.

O feminismo está nas redes e nas ruas: em várias cores e ritmos, ele é o mote de diversos coletivos de jovens mulheres que usam a arte para expressar suas mensagens de luta contra o machismo, a violência contra as mulheres, a imposição de padrões de beleza, etc. Além de serem extremamente expressivos dentro do movimento feminista junto às novas gerações, esses grupos também precisam ser observados a partir de seu impacto nos cenários urbanos em que atuam.

Neste trabalho, nosso objetivo é traçar um breve panorama da produção cultural gerada por jovens feministas que se articulam nas metrópoles brasileiras, assim como destacar a diversidade de linguagens e estratégias comunicativas utilizadas politicamente por esses grupos que não dispõem de poder político formal. É preciso analisar os novos elementos que esses grupos artísticos trazem à comunicação urbana. Considerando que o espaço urbano é campo de intervenções e de lutas sociais entre diferentes grupos, com objetivos e interesses diversos, cabe lançar luz a esses coletivos e artistas que se apresentam como feministas e/ ou antissexistas atuantes no cenário da arte urbana nacional, buscando compreender como eles articulam politicamente tais jovens em novos arranjos que marcam o ativismo juvenil contemporâneo.

Coletivos artísticos feministas: um breve panorama

Uma caminhada atenta pelas ruas das metrópoles brasileiras pode atestar: são de mulheres várias das assinaturas e traços que estampam diversos muros cidades afora. Uma das figuras mais conhecidas na cena do grafite feminino no Rio de Janeiro é Panmela Castro⁵, que assina como Anarkia Boladona. Seus murais são habitados por figuras femininas em cores fortes e vibrantes. Personagens como a Liberté, sempre acompanhada de uma águia, a Gabriela Libélula ou as Irmãs Siamesas, unidas pelos cabelos, que, segundo a artista, simbolizam força e feminilidade, estão em paredes no Centro, no Jardim Botânico, em Santa Teresa, Jacarepaguá, em Ramos, etc. Mundo afora também: Anarkia assina painéis em mais de 20 cidades, como Toronto, Berlim, Istambul, Johannesburgo, Washington, Nova York, Lisboa, Bogotá, Praga e Tel Aviv.

Graduada em Pintura pela UFRJ e mestre em Artes Visuais pela UERJ, nascida e criada no bairro da Penha, subúrbio carioca, Panmela coleciona prêmios de destaque tanto

⁵ <http://www.panmelacastro.com/>

em direitos humanos – DVF Awards (2012) e Vital Voices Leadership Awards (2010) são alguns exemplos – quanto no grafite – como o Prêmio Hutúz Grafiteiro da Década (2009) e Grafiteiro do Ano (2007). Em 2010, ela fundou a *Rede Nami - Rede Feminista de Arte Urbana*⁶, em que atua como presidente. A Rede Nami é uma organização feminista que usa as artes urbanas para promover os direitos das mulheres. Elas realizam grupos de estudos, sessões de cineclube, palestras, mas principalmente oficinas de grafite nas comunidades do Rio de Janeiro para divulgar a Lei Maria da Penha e conversar sobre violência doméstica e igualdade de gênero.

As artistas da Rede Nami são algumas das muitas grafiteiras que unem as artes visuais urbanas e a militância feminista, usando o grafite para comunicar mensagens de cunho político. Há outros coletivos do gênero espalhados pelo país: o *Flores Crew*⁷, em Recife; o *Sistas Crew*, em Salvador; o *GRIF (Grupo Revolucionário de Integração Feminina) Maçãs Podres*⁸, de São Paulo; as *Minas de Minas*⁹, de Belo Horizonte, são alguns exemplos. São grupos que usam a arte urbana, o grafite especialmente, para tratar de assuntos como desigualdade de gênero e violência doméstica, divulgando ideias feministas entre jovens artistas e entre o público em geral – principalmente através das intervenções urbanas que os mesmos realizam. É comum que tais coletivos organizem oficinas voltadas para mulheres, encontros, rodas de debates, etc, sempre de forma mais ou menos articulada. Mesmo morando em estados diferentes, tais artistas militantes mantêm contato entre si e acompanham as atividades promovidas por coletivos e artistas parceiros(as).

Apesar de as intervenções produzidas por essas artistas no espaço público serem efêmeras – condição *sine qua non* do grafite –, muitas imagens de seus trabalhos são reproduzidas em seus sites e páginas no Facebook, encontrando espaço e visibilidade para além do contexto local em que são grafitadas e pintadas. Há também páginas que funcionam como espécies de “coletâneas” de intervenções artísticas feministas, como a “Grafites Feministas”¹⁰ – página que se propõe a “propagar o feminismo dos muros” e

⁶ <http://www.redenami.com/>

⁷ <https://www.facebook.com/feminismoegraffiti?fref=ts>

⁸ <http://nucleogenerosb.blogspot.com.br/>

⁹ <https://www.facebook.com/MinasDeMinas?fref=ts>

¹⁰ <https://www.facebook.com/Grafitesfeministas?fref=ts>

atingiu quase dez mil fãs nos seus primeiros três meses de existência –, e a página “Minas do Vandal”¹¹, voltada “pras minas que pintam, encantam e tão no corre”.

Através das redes sociais, jovens feministas propagam também imagens que não estão necessariamente nos muros mas seguem a mesma proposta política. Fazem sucesso nesse cenário os desenhos da NegaHamburger¹² – a paulista Evelyn Cunha. Evelyn se divide entre a arte urbana – dialogando com diferentes linguagens como o grafite e o lambe-lambe –, e outras ferramentas como ilustrações digitais e pinturas. O principal tema de seu trabalho é aceitação dos corpos femininos que não se adequem aos padrões reproduzidos pela grande mídia e normatizados pela sociedade. Outra ilustradora que se dedica ao tema é Carol Rossetti¹³. Sua série “Mulheres”, que retrata diversas experiências femininas, já foi traduzida para o inglês, espanhol, italiano, hebraico e russo. Em três meses, sua página no Facebook reuniu quase cem mil fãs, e a artista vem ganhando espaço em blogs internacionais¹⁴.

O lambe-lambe também é a ferramenta utilizada pelas mulheres da Rua Nua¹⁵, “um coletivo feminino de artes visuais compartilhadas e de rua que versa a respeito da situação social da mulher”. “Minha roupa não é um convite” e “Seja a mulher que você quer ser” são algumas das frases usadas em seus cartazes. O coletivo foi criado por artistas de São Paulo mas se capilariza para outros estados através da propagação de seus “lambes”: as imagens são disponibilizadas para download em seu site. As mulheres são estimuladas a baixar e colar “onde bem entenderem”, além de produzirem sua própria arte e enviar para o coletivo. O grupo propõe também que se registre o processo desde a produção e cola até a reação das pessoas na rua e possíveis intervenções dos passantes, também para trocar esse material com outras artistas e documentar a história do projeto.

Corpo, aceitação e prazer da mulher são os temas dos quadrinhos “Garota Siririca”¹⁶ e “xereca”¹⁷. Os primeiros são uma série de Gabriela Masson, estudante de Licenciatura em

¹¹ <https://www.facebook.com/asminadovandal?fref=ts>

¹² <http://www.negahamburger.com/>

¹³ <https://www.facebook.com/carolrossettidesign?fref=ts>

¹⁴ O blog francês Mrs Roots (<http://mrsroots.wordpress.com/2014/07/13/roots-inspirationwomen-by-carol-rossetti-engfr/>), a revista online americana Yellow Sparrow (<http://theyellowsparrow.in/carol-rossetti/>) são exemplos.

¹⁵ <http://www.ruanua.org/>

¹⁶ <https://www.facebook.com/lvlv666?ref=ts&fref=ts>

Artes Plásticas na Universidade de Brasília que assina como Lovelove6. Gabriela publica a “Garota Siririca” no blog da revista SAMBA, do Distrito Federal, e também em seu site e página no Facebook. Já “xereca” é um fanzine feminista de Barbara Gondar, moradora do Rio de Janeiro.

Para além das artes visuais, as jovens feministas também têm na música um amplo campo de expressão. Um dos exemplos é o já citado coletivo feminista Putinhas Aborteiras, de Porto Alegre, que usa como ferramenta de protesto os estilos que chama de “anarcfunk” e “anarcarap”. A banda participa de marchas e protestos e faz shows em espaços tidos como “underground” na cidade. No último mês de maio, o grupo fez uma participação no programa Radar da TVE que teve grande repercussão, principalmente porque a bancada do Partido Progressista (PP) da Câmara de Vereadores de Porto Alegre protocolou requerimento de moção de repúdio à emissora por ter cedido espaço para a apresentação o grupo.

Em pesquisa de campo realizada para sua tese de doutorado, Regina Facchini mergulhou na cena paulistana do “rock de mina”. Segundo a autora,

As minas do rock são integrantes de uma cena internacional conhecida como riot grrrl e organizam-se numa rede não muito permeável de meninas de 14 e 20 e poucos anos que se estende pelas principais capitais brasileiras e conecta-se a roteiros internacionais como Washington, Olympia, Portland, Seattle e outras cidades dos Estados Unidos.(...) As riot grrrls se consideram feministas, aderindo a uma versão de feminismo que se opõe ao “machismo” da cena punk e estabelece um tipo de “fraternidade feminina”, na qual as relações sexuais e afetivas entre mulheres são uma expressão bastante valorizada. (FACCHINI, 2011, p.123-124)

O rock fluminense também é terreno de ação de grupos feministas: o *Roque Pense*¹⁸, da Baixada Fluminense, é um coletivo de cultura antissexista criado em 2011 que “atua contra a discriminação pelo sexo no universo da música e da cultura urbana”. Através do rock, dos fanzines, da produção cultural e da cultura digital sua missão é promover atividades artísticas e culturais em que as mulheres sejam protagonistas. Uma de suas ações é o Festival Roque Pense, que reúne bandas que possuem pelo menos uma integrante mulher com papel relevante.

No Rio de Janeiro, as jovens feministas também estão no funk. Para o coletivo de mulheres funkeiras *Pagufunk*, “a opção pelo funk vem como afirmação de uma cultura popular, que historicamente é marginalizada e deturpada pelas classes dominantes em sua

¹⁷ <https://www.facebook.com/xerecaxereca?fref=ts>

¹⁸ <http://roquepense.com.br/>

ânsia capitalista de se apropriar e/ou diminuir tudo o que vem da favela”¹⁹. Em músicas como “A missão vai ser cumprida”, “Se empodera”, “Bloco das Perseguidas” e “Revolucionando”, as funkeiras cantam mulheres que “desconstroem o racismo em suas casas e, na rua, agitam a Baixada e, na luta, transformam a Baixada”. E aos machistas que batem nas companheiras e “esculacham” as travestis, “vou cortar a sua pica”, dizem em coro.

A lista vai muito além e é extremamente dinâmica: novos coletivos se formam enquanto outros se desarticulam, mas é inquestionável a vasta produção cultural gerada por esses grupos de jovens feministas e o crescente número de coletivos que usa a(s) arte(s) como ferramenta de protesto e como espaço de debate sobre questões de gênero. A profusão de iniciativas do tipo permite afirmar que as formas assumidas pelo ativismo político feminista no Brasil contemporâneo se dão em profunda conexão com cenas de produção cultural.

Sentidos (dos) coletivos

Em primeiro lugar, vale destacar a forma como esses grupos se organizam: em coletivos que se estruturam colaborativamente e horizontalmente. Com presença crescente no cenário urbano do país, em particular das metrópoles, os coletivos constituem um significativo fenômeno contemporâneo permeado por questões como produção cultural, territórios, cena, comunidades, agência social, afetando diretamente a maneira como as práticas culturais urbanas se dão e se transformam.

Num tempo de proliferação de redes sociais (especialmente no Brasil), a formação de coletivos, virtuais ou não, se torna cada vez mais comum, extrapolando o circuito das artes e se espalhando por diferentes áreas da cultura, transformando as formas de viver, perceber e definir conceitos como produção, consumo, arte, entretenimento e política (REZENDE, 2010, p.9).

São grupos que atuam geralmente em áreas transversais, no cruzamento entre ações de contestação e formas artísticas não convencionais. Segundo Claudia Paim, “coletivos são os agrupamentos de artistas ou multidisciplinares que, sob um mesmo nome, atuam propositalmente de forma conjunta, criativa, autoconsciente e não hierárquica” (PAIM,

¹⁹ Carta aberta do coletivo disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=555869954509212&set=a.468090973287111.1073741826.468089916620550&type=1&theater>. Acesso em 10 de julho de 2014.

2009, p.11). Paim destaca como características marcantes de tais grupos, entre outras: o compartilhamento de decisões, a flexibilidade e a agilidade, a desburocratização, a rarefação da noção de autoria e a colaboração criativa. São grupos que buscam atuar fora dos espaços de arte institucionalizados (tais como museus, centros culturais e galerias comerciais) e questionam o papel do artista e dos “lugares” da arte.

Embora os coletivos não sejam por si só uma novidade – foram uma tradição na arte durante o século vinte –, há elementos novos e em comum entre os coletivos que vêm se multiplicando no país na última década. Além de seu caráter marcadamente político, tais grupos têm na web – seja via redes sociais, listas de discussão, websites, fotologs e blogs – um importante canal de visibilidade e mesmo de construção. São artistas e ativistas que se beneficiam da democratização de aparatos tecnológicos que trouxe, como ressalta Ivana Bentes, uma inédita descentralização dos meios de produção:

Nunca na história da cultura tivemos tantas possibilidades de descentralização dos meios de produção. Equipamentos digitais, câmeras de vídeo, câmeras fotográficas, equipamentos para músicos, Djs, produtores de audiovisual, computadores pessoais, softwares livres, uma enorme capacidade em duplicação de Cds, livros, música que colocam em xeque o direito autoral tradicional e fazem vislumbrar um capitalismo do excedente e da possibilidade da livre circulação do conhecimento (BENTES, 2007, s.p.)

Os coletivos deste século são frutos desse contexto em que se observa uma reestruturação produtiva na cultura. “A cultura é hoje o lugar do trabalho informal (não assalariado). Movimentos que trabalham com informação, comunicação, arte, conhecimento e que não estão nas grandes corporações. Uma radicalização da democracia estimulando a produtividade social” (idem, ibidem).

Esse novo impulso, que para Paim “remete a um movimento de resistência à alienação, à expropriação do sonho, do desejo e do corpo” (PAIM, 2009, p.77), informa também sobre um momento da cidade em que se problematizam fronteiras e se reivindica um espaço público cada vez mais cerceado e moderado – seja pelo controle do estado ou do capital privado. Suas ações engendram processos de desterritorialização, questionando separações e distâncias, recompondo paisagens e transformando terrenos. “Ao agirem, [os coletivos] buscam produzir miragens, ruídos, atalhos e desvios nos territórios já delimitados (...) Provocam e levam a pensar sobre as paisagens conhecidas ou então a tomar delas uma consciência renovada e alterada” (idem, ibidem).

Jovens políticas

Um aspecto específico que gostaríamos de ressaltar desse movimento empreendido por jovens feministas por meio de diversas expressões artísticas é o fato de ele pôr em xeque a ideia de que as mulheres são minoria nas manifestações político-culturais que marcam a cena urbana, tais como o hip hop – que reúne as práticas do grafite, do rap, do DJ e do break.

Será que jovens-adolescentes do sexo feminino formam uma minoria no movimento hip hop, em outros movimentos estético-musicais ou em outras formas associativas como as galeras ou gangues? Se tomarmos como critério a literatura existente sobre o tema, poderíamos dizer que sim. (WELLER, p.107-108)

Segundo a socióloga Wivian Weller, nos estudos sobre as (sub)culturas juvenis, além de haver pouca ou nenhuma referência à participação feminina nesses movimentos, a categoria juventude é utilizada como um todo e as análises sobre a estética corporal, modos de vestir e visões de mundo são em grande parte realizadas a partir de observação participante e entrevistas com jovens do sexo masculino. As poucas referências às jovens estariam relacionadas a questões como afetividade, sexualidade e maternidade. Weller cita McRobbie e Garber para compreender o que chama de invisibilidade dessas jovens-adolescentes nessas pesquisas:

Sendo o desvio sexual a única exceção possível, as mulheres constituem uma categoria social pouco celebrada pelos teóricos críticos e radicais. Essa invisibilidade geral instalou-se obviamente devido à reação social às manifestações mais extremas das subculturas juvenis. A imprensa popular e a mídia concentraram a atenção nos incidentes sensacionalistas associados a cada cultura [...] Uma consequência direta do fato de serem sempre os aspectos violentos de um fenômeno que o qualificam como uma notícia válida é que precisamente nesse campo de atividades subculturais as mulheres tendem a estar excluídas. (idem, ibidem)

Em relação ao movimento feminista, trabalhos de pesquisadoras como Regina Facchini e Julia Zanetti vão na contramão dessa tendência, investindo em “reflexões sobre as novas formas da política no feminismo contemporâneo, sobretudo na interface entre produção cultural, estilos juvenis e política feminista” (FACCHINI, FRANÇA, p.12). As autoras apontam, entretanto, “a necessidade de estudos empíricos que possam qualificar o conhecimento ainda pouco consolidado sobre as novas gerações de ativistas e localizá-las num cenário mais abrangente de prática e reflexão feminista” (idem, p.13).

Em pesquisa sobre a participação juvenil no feminismo no Rio de Janeiro, Julia Zanetti aborda as separações entre grupos de jovens feministas e militantes mais

experientes e o estigma que o movimento ainda carrega em meio a jovens mulheres. Segundo a pesquisadora,

As principais referências do feminismo no Rio de Janeiro iniciaram sua militância na década de 1970, marcada pelos anos de efervescência de diversos movimentos sociais e de intensa atuação política da juventude e da sociedade em geral. É possível que ao compararem o atual engajamento da juventude com suas referências geracionais, muitas delas tenham tendência a compartilhar e reforçar as negativas representações, como as de alienação e apatia, em relação à juventude contemporânea. (ZANETTI, 2011, p.35)

Zanetti destaca que essa “posição comparativa entre as formas de participação das antigas e novas gerações indica a ausência de análises que atualizem o momento histórico, político e social vivenciado pelas(os) jovens de hoje”, além de revelar que “estão sendo desconsideradas formas de participação não convencionais, como grupos artísticos” (idem, ibidem). Esse suposto desinteresse partiria também da maior parte das jovens mulheres, entre as quais seguiria forte a ideia estigmatizante de que as feministas são feias, mal amadas, homossexuais, etc., e de uma oposição entre feminismo e feminilidade.

Apesar desse distanciamento, a autora identifica nos últimos anos da década de 1990 a aproximação de algumas jovens mulheres às várias correntes do feminismo. No início dos anos 2000, coletivos de jovens mulheres começaram a se formar no cenário nacional. A dimensão do crescimento dessa participação jovem no movimento feminista pode ser observada pelo público do 10º Encontro Feminista Latinoamericano e do Caribe (EEFLAC) de 2005: 25% das participantes tinham menos de 30 anos e juventude foi um tema de destaque no encontro, que contou com um Fórum de Mulheres Jovens Feministas.

A partir do final dos anos 1990, é possível perceber não só muitas jovens se interessando pelo movimento, como também trazendo uma perspectiva de juventude para as bandeiras do feminismo, algo que nenhuma outra geração de jovens anterior havia reivindicado. Assim, o movimento feminista foi obrigado a reconhecer um novo grupo demandando espaço e visibilidade para sua própria forma de perceber e expressar suas questões (ZANETTI, SOUZA, 2009, p.105).

Nos últimos anos, vem sendo expressiva a mobilização de jovens mulheres especialmente através da internet e das redes sociais. Outra manifestação contemporânea feminista que conta com a participação maciça de jovens é a Marcha das Vadias, protesto que surgiu em abril de 2011 em Toronto, no Canadá, e rapidamente se internacionalizou, chegando ao Brasil em junho, em São Paulo. Desde então se seguem edições anuais em inúmeras cidades brasileiras.

Os coletivos de artistas mulheres se inserem nesse contexto, ainda que frequentemente não inseridos nos canais institucionais e politicamente mais convencionais

do movimento feminista. São jovens artistas que se identificam com lutas do movimento e buscam, através de sua arte, chamar a atenção para as desigualdades de gênero e mobilizar outras artistas e mulheres para a reflexão acerca dessas desigualdades. Temas como aborto, corpo (padrões estéticos opressivos, aceitação, representação da mulher na mídia, etc.) e violência contra a mulher são comuns nas imagens e músicas produzidas por essas artistas – cujas mensagens são reproduzidas em suportes cada vez mais variados e têm na internet um espaço privilegiado de visibilidade, na medida em que se multiplicam sites, blogs e grupos de discussão em que fotos e vídeos de seus trabalhos são publicados e compartilhados.

A reflexão sobre esse movimento juvenil, assim como a atuação dessas jovens no movimento feminista, é um tema recente, como destaca Eliane Gonçalves:

A clivagem geracional emerge com força na atualidade, do ponto de vista das jovens mais do que das de mais idade. Isto é compreensível, em um movimento que cristalizou a importância de suas precursoras e, de certa maneira, não refletiu ou problematizou a passagem do tempo. O fato é que, aparentemente, este feminismo não enxergou as diferenças etárias (BRITTO DA MOTTA, 2000) até que foi interpelado por sujeitos que as reivindicaram. Antes dos anos 2000 – um espaço geracional de 30 anos, portanto – a palavra juventude ou sua denominação coletiva “feministas jovens” ou “jovens feministas” é rara, se não ausente dos discursos feministas. Grossi (1998) fala das “históricas” e das “novas” feministas, mas os sujeitos, embora claramente descritos em termos etários/geracionais, não sustentam uma particularidade identitária (GONÇALVES et al, p.5-6).

É preciso, portanto, conhecer mais a fundo esses grupos de jovens mulheres para então poder avaliar suas atuações políticas na cena urbana das grandes cidades do país. Considera-se, para isso, a cidade como locus de produção de subjetividades.

Tanto na cidade moderna, racional, planejada, quanto na metrópole comunicacional, transurbana, diferentes subjetividades se constituem, corpos são (re)(de)formados e informam as processualidades que as relações com o espaço urbano e suas tensões operam. A forma de cidade, desse modo, (in)forma as corporalidades, itinerários, modos de comunicação e, também, os processos de criação e as resistências que em suas vias se produzem (ZANELLA et al, p.121)

O(a)s jovens, que em suas últimas gerações vêm sendo criticados pelo seu suposto desinteresse pela cena pública, têm papel ativo na transformação da comunicação urbana especialmente através das inúmeras intervenções que estes realizam no espaço público, marcadas por uma dimensão predominantemente estética. Nas pesquisas coordenadas pela professora Andréa Zanella, da UFSC, a respeito de temas como grafite, arte urbana, estêncil, lambe-lambe, fotografia, itinerários na cidade, música, etc, a equipe se deparou com “jovens que se apropriam do espaço urbano singularmente e que se reinventam a partir da intervenção nestes espaços, transgredindo-os, alterando a lógica imposta e contribuindo para a construção de outra sensibilidade urbana” (idem, p.130).

Os diversos grupos citados neste trabalho representam estilos no sentido trabalhado por Regina Facchini, considerando “o caráter espetacular do estilo como forma de “dar-se a ver” e comunicar-se, bem como de considerar as múltiplas relações de poder nas quais se inscreve o que é comunicado” (FACCHINI, 2011, p.137). Citando Helena Abramo, Facchini afirma que “estilos são “meios expressivos para negociar espaços e sentidos no campo da luta cultural” (idem, ibidem). De maneiras particulares e lançando mão de linguagens diversas, os coletivos de artistas feministas inserem suas pautas no cotidiano da cidade e se dão a ver enquanto agentes culturais e políticas.

Seus atos artísticos públicos, sejam mais ou menos subversivos, fornecem novos modelos para o movimento feminista contemporâneo. Acreditamos, portanto, que não se pode subestimar os efeitos desses grupos crescentes de artistas, das imagens que elas produzem pelas cidades – que muitas vezes chamam a atenção já inicialmente pelas suas dimensões – e do poder da internet e das redes sociais na sua articulação e no compartilhamento e visibilidade de seus trabalhos.

Se música, shows, vídeos, fanzines, oficinas, discursos e transgressões estéticas podem ocupar, na cena aqui apresentada, o lugar que outrora foi ocupado pela palavra dita ou escrita em grupos de reflexão, jornais, manifestos e passeatas, talvez olhar para o que há de comum entre jovens e adultas, feministas de ONG, acadêmicas e as que usam estratégias pautadas na ação direta seja um caminho para reconhecer e fazer valer a riqueza e a força de feminismo na atualidade (FACCHINI, 2011, p.151)

Entre funks, grafites, rap’s e lambe-lambes, talvez estejam se consolidando gerações de feministas ainda mais diversas do que suas predecessoras – repletas de conflitos internos, propostas por vezes divergentes, estratégias discordantes, mas nem por isso menos sérias ou menos “eficazes” em termos políticos.

Referências bibliográficas

BENTES, Ivana. Redes Colaborativas e o Precariado Produtivo. In: **Caminhos para uma Comunicação Democrática**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2007. Disponível em http://blogs.cultura.gov.br/culturaepensamento/files/2010/02/const-comum_Ivana-BENTES.pdf

CHAIA, Miguel (org.). **Arte e Política**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. Apresentação Dossiê Feminismos Jovens. **Cadernos Pagu**, janeiro-junho de 2011, n.36, p.9-24.

FACCHINI, Regina. "Não faz mal pensar que não se está só": estilo, produção cultural e feminismo entre as minas do rock em São Paulo. **Cadernos Pagu**, janeiro-junho de 2011, n.36, p. 117-153.

GONÇALVES, Eliane; FREITAS, Fátima Regina Almeida de; OLIVEIRA, Elismênia Aparecida. Das idades transitórias: as “jovens” no feminismo brasileiro contemporâneo, suas ações e seus dilemas. **Revista Feminismos**, Vol. 1, nº3, set-dez. 2013.

HERSCHMANN, Micael; GALVÃO, Tatiana. Algumas considerações sobre a cultura hip hop no Brasil hoje. In: BORELLI, Silvia H.S.; FREIRE FILHO, João (orgs). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008; p.211-228.

HUCHET, Stéphane. A “elasticidade” da arte para com a política: breves bases críticas. In: GERALDO, Sheila Cabo (org.). **Trânsito entre arte e política**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2012, p.38-47.

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. **Meninas do graffiti: educação, adolescência, identidade e gênero nas culturas juvenis contemporâneas**. Campinas: 2004. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

MICHELON, Francisca; SENNA, Nádia da Cruz; SILVA, Úrsula Rosa da (orgs). **Gênero, arte e memória: ensaios interdisciplinares**. Pelotas: Editora da UFPel, 2009.

PAIM, Claudia. **Coletivos e iniciativas coletivas: modos de fazer na América Latina contemporânea**. 2009. 294 p. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PAPA, Fernanda de Carvalho; SOUZA, Raquel. **Jovens feministas presentes**. São Paulo: Ação Educativa: Fundação Friedrich Ebert; Brasília: UNIFEM, 2009.

REZENDE, Renato. “Afinidades eletivas”. In REZENDE, Renato; SCOVINO, Felipe (orgs.). **Coletivos**. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2010, pp.5-9.

VENTURA, Tereza. Hip hop e graffiti: uma abordagem comparativa entre o Rio de Janeiro e São Paulo. **Análise Social**, vol. XVIV (192), 2009, p.605-634.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(1): 216, janeiro-abril/2005, pp. 107-126.

ZANELLA, Andréa Vieira et al. Jovens na cidade: arte, políticas e resistências. In: MAYORGA, Claudia; CASTRO, Lucia Rebello de; PRADO, Marco Aurélio Máximo (orgs.). **Juventude e a experiência da política no contemporâneo**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012, p. 121-142.

ZANETTI, Julia. **Jovens feministas: um estudo sobre a participação juvenil no feminismo do Rio de Janeiro**. Niterói: 2009. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação.

_____. Jovens feministas do Rio de Janeiro: trajetórias, pautas e relações intergeracionais. **Cadernos Pagu**, janeiro-junho de 2011, n.36, p. 47-75.

ZANETTI, Julia; SOUZA, Patrícia Lânes. Jovens no feminismo e no Hip Hop na busca por reconhecimento. In: PAPA, Fernanda de Carvalho; SOUZA, Raquel. **Jovens feministas presentes**. São Paulo: Ação Educativa; Fundação Friedrich Ebert; Brasília: UNIFEM, 2009; p.104-113.